

Ensino da Oralidade por Meio do Gênero Textual/Discursivo Entrevista de Seleção: relato da implementação de uma sequência de atividades

Juliana MORATTO*
Letícia Jovelina STORTO**

* Mestre em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Aluna especial do Doutorado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Ivaiporã. Contato: juliana.moratto@ifpr.edu.br.

** Mestrado (2010, bolsista CAPES) e Doutorado (2015, bolsista CAPES) em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Realiza estágio de Pós-Doutorado em Linguística Aplicada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Contato: leticiajstorto@gmail.com.

Resumo:

Este artigo relata a implementação de uma sequência de atividades sobre/ com o gênero oral entrevista de seleção, com subsídios na criação de um modelo didático, focando em especial o processo de avaliação implementado. Foi enfatizada a entrevista como gênero oral como prática social comunicativa e buscou-se desenvolver a oralidade dos estudantes por meio de atividades orientadas pela Análise da Conversação. A proposta partiu da problematização trazida pela pesquisa que investiga se é possível desenvolver, potencializar e otimizar a oralidade por meio do ensino e do trabalho com gêneros textuais/discursivos no Ensino Médio, propositalmente, pensado para alunos concluintes do ensino técnico profissionalizante. A partir da problemática da pesquisa, o produto educacional desenvolvido envolve uma situação em comum aos trabalhadores, cujo preparo carecia de uma organização voltada ao candidato. A integração do elemento oral envolvido em uma produção de texto requer, primeiramente, uma prática social a qual se constrói em um contexto coletivo, o texto é produzido ao interagir. Os resultados apontaram para uma aprendizagem mais consciente com adequação da linguagem para diversas práticas sociais, especialmente, para situações formais de interação linguístico-discursiva, caso de um processo seletivo.

Palavras-chave:

Avaliação. Oralidade. Gêneros textuais/discursivos.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 22, n. 1, p. 114-140, abr. 2019

Recebido em: 19/03/2019

Aceito em: 25/04/2019

Ensino da Oralidade por Meio do Gênero Textual/Discursivo Entrevista de Seleção: relato da implementação de uma sequência de atividades

Juliana Moratto; Letícia Jovelina Storto

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A entrevista de seleção circula pela sociedade por meio de nomes como: entrevista de emprego, entrevista de trabalho, entrevista para estágio, entre outros. Em consequência dos critérios para sua realização, buscou-se chamá-la de entrevista de seleção por ser utilizada em processos seletivos, em que alguns candidatos podem pleitear uma vaga de trabalho ou de estágio por ter cumprido exigências dos editais ou passado em testes anteriores. Esse gênero textual/discursivo oral serviu de objeto de ensino em turma de ensino técnico profissionalizante. Para isso, foi elaborada uma sequência de atividades¹ com/sobre o gênero, cuja implementação buscou propiciar aos alunos participantes da pesquisa uma preparação para o trabalho, por meio de orientações de como se preparar para o momento da entrevista.

Para a realização desse estudo, cuja natureza é aplicada, foi realizada pesquisa bibliográfica e documental (GIL, 2010), a fim de se compreender o contexto, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo (BAKHTIN, 2019) do gênero oral entrevista de seleção. Como corpus de análise do gênero, foram examinadas cinco entrevistas, em um total de 17min28s.

Muitos materiais consultados na pesquisa bibliográfica e empregados na elaboração da sequência de atividades construída estavam focados no entrevistador, trazendo como tópicos de investigação o modo como o entrevistador deveria falar, como deveria avaliar, como deveria selecionar etc. Por isso, a intenção do produto educacional implementado era focar no entrevistado, fazer dele um candidato com melhores condições de interação verbal e maior desenvoltura ao se expressar formalmente mediante a oralidade, pois o mercado de trabalho é concorrido, e aqueles que estiverem melhor preparados poderão desfrutar de suas conquistas ou lidarão melhor com a frustração de não serem selecionados para uma vaga.

Compreendido o gênero, a sequência de atividades foi construída e implementada. Durante a realização das oficinas, foram utilizados como procedimentos técnicos dessa

¹ Disponível em: <http://bit.ly/2XroibT>. Acesso em: 23 maio 2019.

pesquisa-ação fotografias, gravações e anotações em diário. Também foi aplicado um questionário aos participantes, com o propósito de verificar o processo de avaliação.

Esse artigo objetiva apresentar o relato da implementação da sequência de atividades construída. A seguir, é delineado o contexto do estudo para, a posteriori, ser descrita a experiência em sala de aula, salientando-se, especialmente, a avaliação do processo de aprendizagem.

CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A sequência foi construída por meio de oficinas de aprendizagem, as quais contaram com recursos materiais já disponíveis em sala de aula, como o projetor multimídia e a estrutura da sala, mesinhas de estudo e cadeiras. Para completar a necessidade material, usou-se notebook, caixa de som e fotocópias das atividades organizadas por oficinas, separadamente, entregues aos participantes em cada oficina. Para a ocasião, foi desenvolvida uma apresentação em slides para projeção durante o desenvolvimento da implementação.

A implementação ocorreu em uma turma do quarto ano do Curso Técnico em Agroecologia do Instituto Federal do Paraná (IFPR), *campus* de Ivaiporã, Paraná. A razão principal em escolher a turma partiu do conhecimento das características dos estudantes, os quais, vindos de áreas rurais de Ivaiporã e região, buscam no curso técnico profissionalizar-se e, muitas vezes, fazem como parte dos egressos, após a conclusão do ensino médio, encaminham-se para o mercado de trabalho. A escolha também partiu da verificação da ementa da disciplina de Redação Técnica, sendo fator decisivo na seleção a presença dos itens: “Interpretar diferentes tipos de texto; Aplicação da linguagem de acordo com sua função, tendo em vista a necessidade de comunicação exigida no mercado de trabalho e a sua realização social e pessoal” no programa do quarto ano do curso.

As oficinas ocorreram durante dez encontros nos meses de agosto e setembro de 2018, semanalmente às terças-feiras, das 7h30 às 9h, contando com a participação de treze (13) alunos com idades entre 17 e 18 anos. Desses treze estudantes, apenas um dedica-se ao trabalho remunerado; e dois são bolsistas de projetos do eixo. A turma é pequena devido às desistências dos anos anteriores, em que muitos alunos deixaram de estudar para trabalhar.

DESCRIÇÃO DA IMPLEMENTAÇÃO

As atividades realizadas em cada encontro podem ser verificadas no quadro que segue, em que a etapa corresponde ao encontro, o procedimento diz respeito aos materiais trabalhados juntamente com as ferramentas necessárias para sua execução e os elementos avaliativos utilizados ao longo das oficinas.

Quadro 1 – Implementação

ETAPA	INSTRUMENTOS	CONTEÚDO	FERRAMENTAS AVALIATIVAS
Contextualização (Encontro 1)	Manuseio de anúncios de vagas; Vídeo: <i>Entrevista de emprego</i> – Canal Parafernália	Discussão de vídeo	Teste Vocacional
Primeira Produção (Encontro 2)	Edital de processo seletivo; Sites de emprego	Apresentação do gênero	Gravação de vídeo no celular contendo a produção feita em grupos
(Encontro 3)	Análise das gravações; Laboratório de informática	Criação de currículo	Atividade Extra - Currículo
OFICINA 1 – Conhecendo o gênero (Encontro 4)	Definição de entrevista; Características das entrevistas escritas; Tipos de entrevistas	Gênero Entrevista	Resolução de exercícios em sala
OFICINA 2 – Linguagem formal e operadores argumentativos (Encontro 5)	Vídeos sobre linguagem formal e informal Apresentação dos Operadores argumentativos; Desafio – Questão de vestibular	Linguagem formal e operadores argumentativos	Construção em equipe de cartaz com operadores argumentativos em quadros, como material visual de consulta em aula
OFICINA 3 – Entrevista de seleção (Encontro 6)	Vídeo: <i>Entrevista de Emprego</i> – Desconfiados; Caracterização de entrevistas orais	Oralidade das entrevistas	Análise da linguagem oral e corporal
OFICINA 4 – Marcadores conversacionais (Encontro 7)	Classe dos Marcadores (verbais, não verbais e suprasegmentais)	Marcadores verbais, não verbais e suprasegmentais	Exercícios sobre comportamento; Dicas para seguir em uma entrevista de seleção
OFICINA 5 – Ética profissional (Encontro 8)	Vídeo - <i>Porta dos fundos</i> ; 10 Mandamentos sobre ética profissional;	Debate sobre o vídeo; Análise das características de uma entrevista	Debate sobre Ética
OFICINA 6 – Orientações para o candidato (Encontro 9)	Vídeo: <i>Entrevista de estágio</i> – Justus; Vídeo: <i>A entrevista</i> – O estagiário	Orientações para o candidato a uma vaga, Orientações sobre linguagem corporal, aparência etc.	Aplicação da autoavaliação
Produção Final (Encontro 10)	Gravação de uma entrevista para escolher o “Aluno destaque da turma 2018”	Gênero Entrevista	Atividade final para a avaliação

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A primeira tarefa dada ao iniciar a implementação do produto educacional foi lançar perguntas a respeito do que os alunos fazem fora da escola. Dos onze (11) estudantes presentes nesse dia, apenas um trabalha meio período, sem contrato e por um salário inferior ao mínimo. Então, as atenções foram voltadas às tarefas que ele desempenha no escritório em que atua. Segundo ele relatou, não foi entrevistado, mas foi indicado ao emprego e selecionado em consideração à amizade do empregador com seu pai. Também relatou que trabalhar no contraturno não afetou seu rendimento escolar. Dos demais, três (3) passaram por entrevistas de seleção para participar em projetos na instituição em que estudam; desses, dois conseguiram a bolsa, e um não.

Buscou-se levantar o contexto laboral dos pais e familiares, a maioria dos estudantes disse ter alguém na família que está desempregado ou conhecer pessoas em tal condição. Nesse momento, as expressões faciais mudaram, ganhando ares de preocupação. Percebeu-se ser uma necessidade a busca por colocação profissional, algo que colabora com o número de desistências no curso.

Ao questionar sobre as opções de trabalho na cidade de Ivaiporã, a turma não cria expectativas de que haja trabalho para todos, apenas para os melhores. E quem são os melhores? “Os que estudaram”, eles deram como resposta. Eles expuseram a sensação de despreparo para o mercado de trabalho, mesmo assim todos sustentaram a ideia de trabalhar após finalizar o Ensino Médio e disseram acreditar que o curso técnico profissionalizante será um diferencial.

Para saber se estavam preparados ou não, fizeram um teste vocacional com perguntas sobre empregabilidade. Tinham de saber o quanto estavam preparados, e o resultado foi que nove alunos estavam abaixo de 30 pontos; apenas dois atingiram de 31 a 40 pontos. Ou seja, a maioria ainda não era capaz de gerenciar sua própria carreira. Abaixo, segue a grade de pontuação do teste (que se encontra no produto educacional),² a qual foi disponibilizada no mural da sala para que os estudantes pudessem ver os resultados e usassem de motivação.

Em seguida, os alunos foram questionados por onde deveriam começar a buscar um emprego, pergunta para a qual não tiveram resposta. Para tratar disso, foi apresentado à turma um edital de seleção para que entendesse um processo seletivo composto por uma “entrevista de seleção” como uma de suas etapas. Assim, os estudantes puderam ter conhecimento sobre o tipo de contrato oferecido, as exigências profissionais para cada cargo, como a experiência profissional e a formação, para onde deveriam enviar seus currículos e onde se encontravam as informações completas publicadas sobre as regras do processo seletivo.

² Ver nota 1.

Quadro 2 – Grade de pontuação do teste vocacional

DE 51 A 60 PONTOS – Você está sintonizado com muitas das mudanças que provocaram esse neologismo conceitual da empregabilidade. Tem estudado e lido, vem-se reciclando e parece não temer o futuro, pois está consciente de que o mesmo está em suas próprias mãos. Parabéns!

DE 41 A 50 PONTOS - Suas possibilidades, ou seu grau de competitividade no mercado de trabalho está em alta. Você vem mudando... e crescendo. Falta pouco para que você possa se considerar um profissional “empregabilizado”, ou capaz de gerenciar com sucesso a própria carreira.

DE 30 A 40 PONTOS - Você está numa "zona de perigo", pode ser que lhe faltem algumas leituras e orientações básicas. Mas há grandes chances de você se reciclar rapidamente. Corra o máximo, que puder, pois a competição no mercado de trabalho está acirrada. As empresas precisam mais do que nunca de profissionais reciclados, com a mente aberta e dispostos às mudanças. Mesmo que ainda não tenha perdido oportunidades, o emprego, por exemplo, estas podem começar a lhe faltar a qualquer momento. Cuidado!

ABAIXO DE 30 PONTOS - Está na hora de acordar. O mundo está passando por transformações profundas na esteira da tecnologia da informação e isso afeta ou afetará em breve, de forma crucial, a sua vida profissional. Você não só não sabe ainda o que é empregabilidade, como – ao que tudo indica - não tem se preocupado em acessar as novas informações. Pelo visto, você é daquelas pessoas que ainda acreditam que se podem entrar numa empresa, fazer carreira sem ambições e nela se aposentar. Acorde!

Fonte: Adaptado de CE Vivendo e Aprendendo (2016).

Para complementar, fizeram a leitura dos critérios de avaliação do mesmo processo que informava os instrumentos e técnicas utilizadas no processo todo, os objetivos e a pontuação para cada um. O conjunto dos instrumentos era formado por: a) análise curricular; b) prova técnica escrita; c) redação, d) dinâmica de grupo, e) prova técnica prática, f) aula simulada mais plano de aula; g) avaliação psicológica (testes e entrevista); e, por fim, h) avaliação funcional e informática. Os participantes ficaram surpresos ao descobrir a importância de uma entrevista ao longo do processo, também chamou a atenção o nível de dificuldade dos critérios.

Nesse caso, a entrevista tinha como objetivo obter informações mais consistentes a respeito do candidato, sobre sua vida pessoal, profissional e comportamento. Logo, o candidato que passasse por essa etapa seria avaliado como apto ou inapto para exercer a função. Notou-se certa agitação ao saber da possibilidade da inaptidão proveniente do comportamento, por isso, o momento foi utilizado para discutir questões sobre linguagem. Seria impedimento ou não usar uma linguagem coloquial? Quais vícios e gírias poderiam ser evitados? O sotaque regional poderia atrapalhar? Essas perguntas resgatam aprendizagens que os alunos pensavam que não lhe serviriam, e a conclusão teve por resumo a palavra: adequação.

Complementando as informações sobre o processo seletivo, algumas páginas eletrônicas de emprego foram acessadas para ensinar como é feita a filtragem da busca por empregos, por palavras-chave, por cidade, por cargo etc. Os estudantes também puderam manusear alguns jornais locais, os cadernos de classificados de busca e oferta de empregos e, com isso, estabelecer uma conexão entre suas habilidades e as ofertas do mercado de trabalho. Ao finalizar essa atividade, foi possível perceber que eles enxergaram a dinâmica de um processo seletivo sério e que era importante escolher uma oportunidade seguindo suas afinidades com o cargo, mas, principalmente, observaram que estar preparado para o momento da entrevista pode ter um impacto muito positivo na conquista da vaga.

O segundo encontro foi iniciado com a discussão de um vídeo de teor cômico/crítico (PARAFERNALHA, 2015) que revela como as entrevistas podem ser desonestas (em certos casos), contudo puderam fazer observações sobre o comportamento dos candidatos e dar suas opiniões sobre as atitudes do recrutador. O intuito desse exercício foi pensar na crítica social atribuída ao evento pelo conteúdo do vídeo. Em seguida, a encenação foi refeita pelos alunos em sala, dando o desfecho que lhes pareceu mais adequado, com a contratação da candidata por seus próprios méritos.

Foram entregues as orientações sobre entrevista de emprego e de como gravar o vídeo para a primeira produção, da qual todos deveriam participar como entrevistados. Os grupos se reuniram, dividiram as tarefas, escolheram as perguntas etc. Assim, tiveram que enviar o material por e-mail à professora, a fim de que ela pudesse assistir e arquivar.

Continuando o segundo encontro, os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática (Figura 1), onde puderam elaborar seu *curriculum vitae*, que contou como atividade avaliativa no processo. Com isso, iniciaram a preparação para novas práticas sociais, passaram por uma experiência de autoconhecimento, aprenderam os principais tópicos de um currículo e tiraram suas dúvidas do preenchimento.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 1 – Produção individual de *curriculum vitae*

O terceiro encontro foi utilizado para assistirem às gravações das simulações de entrevistas de seleção feitas em grupos, o que permitiu que cada aluno pudesse se avaliar e ser avaliado pela turma. Alguns se mostraram tímidos e outros mais extrovertidos, houve preparação para a gravação e as respostas estavam ensaiadas. As reações ao verem as gravações foram variadas, a princípio dominou o riso, depois vergonha e, por fim, entendimento. Um dos alunos foi convidado a avaliar os colegas por uma ficha individual com critérios pré-estabelecidos para a atividade. Sua função foi escolher um dos candidatos para trabalhar em sua “suposta empresa”, da maneira mais justa e clara possível.

A partir do quarto encontro, começaram as oficinas. A primeira tratou de avançar nos elementos que estruturam uma entrevista, cujos principais conceitos e funções já eram conhecidos de todos. Para incentivar o estudo, foi lida por eles uma entrevista feita por Rubem Braga a Machado de Assis e resolvida uma sequência de exercícios sobre o tema. Assim, pôde-se aprofundar a discussão sobre as características, o contexto, os papéis, grau de formalidade, destinatários.

A oficina 2 teve como objetivo refletir sobre a importância social do uso da linguagem formal e dos operadores argumentativos. Foram exibidos vídeos os quais associam linguagem ao ambiente de trabalho (TAVARES, 2017), e os alunos compreenderam que um profissional adapta sua linguagem à pessoa com quem fala, ao ambiente e a outros fatores da interação. Foram entregues alguns exercícios a respeito da linguagem e, por fim, foi exibido um vídeo sobre um motoqueiro, o que abriu discussão sobre as falhas cometidas no emprego da linguagem e como isso interfere na comunicação dentro de um estabelecimento comercial (LUQUE, 2016). Com isso, os estudantes chegaram à conclusão de que falar bem é saber como falar em determinado contexto sociodiscursivo.

No quinto encontro, o trabalho com operadores argumentativos prosseguiu. Para fixar o conteúdo, os alunos foram convidados a reunir-se em grupos e produzir um cartaz com todos os operadores, o qual foi deixado no mural da sala para consulta. Algumas dúvidas foram esclarecidas sobre o uso de certos operadores simples e compostos, com exemplos apresentados oralmente para a situação. Essa foi a oficina que deixou mais dúvidas e que teve a menor nota na autoavaliação (proposta pela avaliação formativa como um dos instrumentos de avaliação), dada a variedade de operadores e sua ausência nos textos produzidos pelos discentes, o que eles associaram à pobreza de vocabulário. Argumentar, convencer, expressar opinião não é tarefa fácil, afirmou um dos participantes, mesmo tendo realizado uma bateria de exercícios de fixação do conteúdo.

O encontro seguinte foi marcado pela oficina 3, cujo objetivo era conhecer as principais características do gênero oral “entrevista de seleção”. Para dar suporte ao conteúdo, os alunos assistiram por duas vezes a um vídeo de entrevista de emprego do Canal Desconfinados (2017): a primeira exibição causou certa estranheza pelo comportamento do candidato; a segunda foi acompanhada por uma ficha de avaliação contendo itens que compõem um padrão de entrevistas para seleção de emprego. As respostas foram confrontadas, discutidas e a conclusão a que chegaram foi a de que entrevista é um momento

de avaliação, em que não somente a linguagem faz diferença, mas a pessoa como um todo. Elementos como: postura corporal, expressão facial e tom de voz foram os mais citados na tarefa.

Em seguida, um exercício chamou muito a atenção de todos. Foi projetada uma página de classificados de oferta de empregos e analisados caso a caso. A tarefa consistia em ler e compartilhar as eventuais dúvidas que poderiam surgir no momento em que os participantes da pesquisa fossem entrevistados, mas que de fato não passam de desconhecimento. A forma como é colocada a vaga no jornal com uma escrita sucinta, com várias abreviações (VT, VA, CV)³ e termos do vocabulário dos recursos humanos (RH), foi apresentada como uma das principais dificuldades na leitura dos classificados. A tarefa propiciou a introdução do pensar nos direitos e deveres do trabalhador, pesar as condições e as exigências e, acima de tudo, pensar se estão dispostos ou não a dedicar-se à função sob tais obrigações, a colocar-se no lugar de um pai de família ou de um jovem aventureiro. Aqui, pôde-se discutir o peso da responsabilidade. Os alunos não tinham se atentado ao contexto da necessidade que as pessoas suprem com o salário que ganham a partir de seus esforços.

Para encerrar, todos foram convidados a fazerem uma autoanálise, listando seus pontos fortes e pontos fracos e, em seguida, compartilhá-los com a turma. Os meninos foram mais objetivos e responderam à lista com poucas palavras e em menos tempo; as meninas tiveram muitas dificuldades em expressar seus defeitos, em argumentar tanto os positivos quanto os negativos e precisaram da opinião de outras meninas para responder ou reproduziram discursos que ouvem em casa: “que são preguiçosas e não servem para nada”. A resolução do exercício apontou para a presença de baixa autoestima, refletindo sobre quem elas realmente pensam que são. Isso também demonstrou a necessidade do olhar do outro para a própria significação, o quanto as meninas estavam atreladas ao julgamento de terceiros para se aceitarem, como esse outro olhar determinava a forma como elas se veem.

A oficina 4 teve o objetivo de avançar os estudos sobre marcadores conversacionais, suas classes, seus usos, sua importância e fazer uma avaliação comportamental com a ajuda deles. Após uma sequência de exercícios sobre os recursos verbais e não verbais, foram discutidas questões referentes à linguagem corporal, que transmite uma mensagem sobre a pessoa, da qual ela mesma não tem muita noção do impacto que isso causa numa conversação. Foram relatados trejeitos usados por professores, pois são alvos de observação fáceis de diagnosticar, como, por exemplo, passar a mão no cabelo ou mudar as expressões quando estão bravos. Consoante os alunos, os recursos suprasegmentais não haviam sido tópico de ensino anterior; por isso, os estudantes disseram estar muito contentes em fazer exercícios para se atentarem à forma como falam, reparando na entoação, nos alongamentos, nas

³ VT = vale transporte, VA = vale alimentação, CV = curriculum vitae.

mudanças de ritmos e nas pausas. Por fim, uma longa discussão sobre a palavra “tipo” causou incômodo, pois muitos estudantes a utilizam em demasia, contudo concordaram que a expressão pode ser substituída por outra com mais conteúdo no contexto utilizado.

A ética profissional foi assunto da oficina 5. Apesar de eles já terem ouvido falar em ética, os exemplos dados foram de programas de televisão, e os alunos não conseguiram exemplificar algum caso da falta dela com trabalhadores da família. Por meio da leitura da crônica intitulada “Entrevista de trabalho”, perceberam o teor preconceituoso do contratante, permitindo que a discussão começasse pelos objetivos da empresa. Assim, a conduta profissional ganhou destaque, e os discentes conseguiram elencar atitudes éticas no trabalho, como “não roubar e respeitar o chefe”.

A sexta e última oficina foi toda fundamentada na preparação do candidato para a entrevista. Mediante o conteúdo de um programa de televisão, no qual o entrevistador também era o contratante e fez uma análise das entrevistas dos candidatos para estagiar em uma de suas empresas (JUSTUS, 2012). Nesse momento, com olhar treinado, os alunos apontaram os pontos fortes e fracos de cada candidato e concordaram com os comentários feitos pelo entrevistador.

Para testar o conhecimento da turma sobre imagem pessoal, foi projetado um *quiz* para que pudessem escolher a melhor opção, ou seja, a mais adequada para comparecer a uma entrevista. Entre as opções estavam: traje feminino, traje masculino, corte de cabelo, maquiagem e acessórios. Visto isso, foram lidas algumas recomendações para o candidato que incluíam: pontualidade, cordialidade, vestimenta e linguagem corporal. Algumas atividades práticas levaram os alunos a observarem mais atentamente os detalhes das mensagens transmitidas por suas falas e seus corpos. Nesse ponto, observou-se o amadurecimento com relação ao conteúdo apreendido e como foi valorizado durante os exercícios, eles realmente foram motivados a darem o melhor quando o foco da entrevista estiver neles e não no entrevistador.

Descrita a implementação da sequência de atividades, é momento de apresentar a teoria a respeito de avaliação em que esse estudo se fundamenta, com a finalidade de, em seguida, discutir o processo avaliativo realizado na pesquisa.

AVALIAÇÃO

A avaliação formativa permite ter como objetos avaliados os alunos e o processo ensino/ aprendizagem, além de possibilitar que o professor reflita e analise o seu trabalho pedagógico em sala de aula, reconsidere teoria e prática para adequar-se às necessidades dos educandos. Isso acontece

Quando na análise da avaliação deixa de se centrar exclusivamente nos resultados obtidos e se situa prioritariamente no processo de ensino/aprendizagem, tanto no grupo/classe como de cada um dos alunos. Por outro lado, o sujeito da avaliação não apenas se centra no aluno como também na equipe que intervém no processo (ZABALA, 1998, p. 198).

A essência desse tipo de avaliação vem ao encontro da proposta da sequência de atividades, a qual se inicia a partir do conhecimento prévio do aluno seguido de seus sucessos parciais, cujos elementos utilizados foram a autoavaliação, a avaliação reguladora, finalizando com a avaliação somativa.⁴

Em seu livro *A prática educativa: como ensinar*, Zabala (1998) nos ensina que a sequência de atividades, a aplicação e a avaliação são instrumentos de toda intervenção reflexiva. Por isso, tornam uma unidade de intervenção pedagógica com as variáveis metodológicas necessárias para uma prática educativa. As sequências de atividades ou sequências didáticas (para o autor não há distinção nos termos) permitem o “estudo e a avaliação sob uma perspectiva processual, que inclui fases de planejamento, aplicação e avaliação”.

A partir dessa perspectiva, sobressaem os seguintes elementos: a regulação do processo de ensino/aprendizagem, autoavaliação e o *feedback*. A regulação parte da ação que ajusta o processo de ensino/aprendizagem, é realizada pelo professor em circunstâncias em que sua intervenção é necessária para superar dificuldades dos alunos e impulsionar a busca pelo conhecimento. A autoavaliação consiste em usar a capacidade que o aluno tem para superar seus erros e elaborar estratégias para alcançar seus objetivos. O *feedback* indica em que pontos/ aspectos os alunos acertaram e/ou erraram, o professor os conscientiza de suas falhas, explica como e por que elas se justificam e ainda faz observações de como devem prosseguir.

Toda avaliação formativa parte igualmente da convicção, baseada em evidências de pesquisas, de que a intervenção planejada dos professores pode criar um ambiente de aprendizagem que possibilita o engajamento do aluno, necessário a uma real aprendizagem (GREGO, 2012, p. 90).

O caráter contínuo da avaliação pode ser percebido ao longo da realização das oficinas propostas por esta pesquisa, que concentram vários tipos de exercício, assim como produções individuais e coletivas. Ao final, a avaliação formativa oferece uma visão geral do processo, que atua como um parecer e revela o andamento da aprendizagem. À vista disso, é possível perceber o que é necessário para seguir trabalhando, uma vez que esse modelo se interessa mais pelo processo do que pelo resultado.

O tipo de avaliação aplicada neste trabalho foi escolhido por suas características não estáticas. Ela se fez durante a implementação do produto educacional de modo contínuo, articulando os objetivos do gênero proposto às etapas de cada oficina. Diante disso, a avaliação formativa propicia a análise de cada passo e as necessidades de adequação dos alunos, abrindo espaço para que o professor realize intervenções quando necessário.

⁴ Zabala (1998, p. 196) inclui processos individuais e grupais de avaliação, envolvendo aluno, grupo, professor e processo de ensino/aprendizagem.

Apesar de que ensino/aprendizagem se encontrarem estreitamente ligados e fazerem parte de uma mesma unidade dentro da aula podemos distinguir claramente dois processos avaliáveis: como o aluno aprende e como o professor ou professora ensina (ZABALA, 1998, p. 196).

O sucesso da prática dessa modalidade avaliativa depende, dentre outras coisas, da relação professor e aluno, em que “um clima de cooperação e cumplicidade, é a melhor maneira que dispomos para realizar uma avaliação que pretende ser formativa” (ZABALA, 1998, p. 210). Dessa convivência e da articulação entre ensino e aprendizagem, importantes aspectos puderam ser considerados e ressignificados, bem como a linguagem em sua adequação, formalidade, argumentação e marcadores conversacionais; assim como a dimensão social diante das reflexões sobre o valor do trabalho, a preparação para ingressar no mercado e questões de ética profissional.

Portanto, a avaliação formativa mostrou-se parte integrante do produto educacional, capaz de coordenar o saber intrínseco dos alunos com o planejamento das oficinas concomitante ao acompanhamento dos instrumentos avaliativos. Sabendo que avaliar é preciso, Grego (2012) corrobora ao afirmar que esse tipo de avaliação ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar.

Entretanto, todas as informações sobre a avaliação formativa não teriam sentido se o papel do professor não fosse repensado. Zabala (1998) diz que para que a prática seja exitosa, o professor precisa ser mais do que o mediador de conteúdo, e sim, aquele que veicula informações, contribui na investigação, provoca intercâmbio de conhecimentos, faz cobranças e orientações, fomenta a autoestima.

As etapas que constituem o modelo avaliativo formativo são três: avaliação inicial, reguladora e integradora. A avaliação inicial é a primeira fase do processo e consiste em diagnosticar o que sabe cada aluno, servindo como ponto de partida para novas aprendizagens. Com efeito, o resultado obtido serve para uso do professor que irá relacioná-lo aos objetivos e aos conteúdos de aprendizagem planejados, a fim de “estabelecer o tipo de atividades e tarefas que devem favorecer a aprendizagem de cada um”, afirma Zabala (1998).

A etapa conhecida por avaliação reguladora refere-se ao “conhecimento de como cada aluno aprende ao longo do processo ensino/aprendizagem, para adaptar-se às novas necessidades que se colocam” (ZABALA, 1998, p. 201). Durante o processo, são aplicadas medidas que reajustam as aprendizagens, e essas são exatamente frutos da análise e da reorganização do trabalho com base nas interpretações fornecidas pelos êxitos e erros dos alunos.

A etapa final refere-se à avaliação integradora, entendida como um balanço geral que abrange o processo, o qual parte do “conhecimento inicial (avaliação inicial), manifesta a trajetória seguida pelo aluno, as medidas específicas que foram tomadas, o resultado final de todo o processo” (ZABALA, 1998, p. 201) para, só então, se traçar o que é necessário continuar fazendo ou o que é necessário fazer de novo.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Esta análise apresentou dois objetos de avaliação: o aluno e o processo ensino/aprendizagem, sendo que as etapas propostas servem a ambos. A organização das etapas conta com avaliação inicial, reguladora e integradora, que estão particularmente associadas.

Uma verdadeira avaliação formativa é necessariamente acompanhada de uma intervenção diferenciada, com o que isso supõe em termos de meios de ensino, de organização dos horários, de organização do grupo-aula, até mesmo de transformações radicais das estruturas escolares (PERRENOUD, 1999, p. 15).

A escolha dos instrumentos avaliativos pretendeu abranger capacidades variadas a serem desenvolvidas e, também, os conteúdos que foram avaliados. Logo, atividades como: observação individual e coletiva, resolução de exercícios, leituras diversas, reflexões sobre vídeos, elaboração de currículo, arguição, simulação de entrevista e produção de vídeos fazem parte dos elementos avaliativos para verificar o grau de aprendizagem.

O processo de aplicação permitiu que a professora pudesse intervir em vários momentos, adaptando os exercícios e reforçando conteúdos quando necessário. Essa prática mostrou-se muito eficaz, gerando dados que possibilitaram controle e sequência durante todo o processo avaliativo. As etapas a seguir compõem a avaliação formativa aplicada no decorrer da implementação do produto educacional.

Avaliação inicial foi elaborada no segundo encontro com a turma e “consiste em conhecer o que cada aluno sabe, sabe fazer e é, e o que pode chegar a saber, saber fazer ou ser, e como aprendê-lo” (ZABALA, 1998, p. 199). Tais conhecimentos serviram de ponto de partida para as oficinas, foi a partir da atividade sugerida para a gravação de vídeo em grupos que os alunos apresentaram seus conhecimentos, gerando referências para a continuação do trabalho. No momento de analisar a produção, algumas perguntas serviram como indicadores do conhecimento prévio dos alunos, tais como: *Que experiências tiveram? O que são capazes de aprender? Quais são seus interesses? Quais são seus estilos de aprendizagem?*

Já a avaliação reguladora é de fundamental importância para o acompanhamento da aprendizagem. Por meio dessa avaliação, os alunos desenvolveram atividades relacionadas ao gênero, “o conhecimento de como cada aluno aprende ao longo do processo de ensino/aprendizagem, para se adaptar às novas necessidades que se colocam” (ZABALA, 1998, p. 200). As atividades sugeridas para esta etapa foram responder ao teste vocacional, a produção de *curriculum vitae*, a construção de cartazes, a discussão e a leitura com interpretação textual. Pode-se afirmar que esta etapa cumpriu a função de sistematizar o conhecimento do progresso seguido, apurar os resultados obtidos, analisar o progresso que cada aluno seguiu, a fim de levar em conta a suas características específicas.

Avaliação final integradora apresenta um objetivo, o de “analisar o conhecimento do resultado obtido e a análise do processo que o aluno seguiu” (ZABALA, 1998, p. 200).

Para executá-la, foi aplicada uma ficha de autoavaliação para que os alunos refletissem sobre sua aprendizagem e conduta e, também, criou-se o concurso “Aluno destaque da turma 2018” para que os estudantes pudessem passar por uma situação semelhante à entrevista de seleção. Por meio de uma ficha de avaliação, a estagiária convidada preencheu a pontuação estabelecida para cada resposta, o que possibilitou gravar novos vídeos (Figura 2) e compará-los aos primeiros.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 – Gravação de vídeo, produção final

O formulário de autoavaliação foi criado no intuito de promover uma autorreflexão sobre o processo de aprendizagem após a conclusão das oficinas. Ele conta com três critérios de escolha: E (excelente), S (suficiente) e I (insuficiente), como se pode verificar na figura que segue. As perguntas estão direcionadas em ações na primeira pessoa do singular com exceção da última, uma vez que está direcionada ao aluno como um questionamento sobre a evolução da sua aprendizagem.

Pensando em tornar a prática mais real ao desenvolvimento da aprendizagem, optou-se por fazer um concurso para eleger o “Aluno destaque da turma 2018”. A proposta da atividade foi unir a teoria estudada com a prática, em que os alunos foram desafiados a mostrarem o que aprenderam. A partir de uma ficha de avaliação contendo vinte questões (Quadro 3) elaboradas para a entrevista do concurso, todos os alunos da turma foram convidados a participarem da seleção.

Quadro 2 – Ficha de Autoavaliação

AUTOAVALIAÇÃO – IMPLEMENTAÇÃO DE PRODUTO EDUCACIONAL				
GÊNERO TEXTUAL/DISCURSIVO ENTREVISTA DE SELEÇÃO				
Nome: _____		- Data: ____/____/____		
Instrução – Fazer a leitura atenciosa dos critérios. Após refletir sobre sua aprendizagem, basta assinalar na coluna do conceito mais adequado a cada situação.				
Produto	Critérios – Por meio das oficinas EU...	Conceito		
		E	S	I
Produção inicial de vídeo	conheci algumas das principais perguntas feitas numa entrevista.			
Oficina 1 – Conhecendo o gênero	aprendi a estrutura de uma entrevista escrita e/ou oral.			
Oficina 2 – Linguagem Formal e Operadores argumentativos	entendi a importância do uso da linguagem formal em determinados momentos; aprendi a usar os diversos operadores em circunstâncias argumentativas.			
Oficina 3 – Entrevista de Seleção	explori as etapas de uma entrevista de seleção.			
Oficina 4 – Marcadores Conversacionais	compreendi os marcadores conversacionais verbais, não-verbais e suprasegmentais.			
Oficina 5 – Ética Profissional	refleti sobre comportamentos éticos no ambiente profissional.			
Oficina 6 – Orientações para o Candidato	recebi orientações sobre imagem.			
Produção final de vídeo	me preparei para uma entrevista de seleção; dei o melhor de mim!			
	Você considera que aprendeu algo importante em relação ao seu conhecimento inicial sobre entrevistas de seleção/emprego/trabalho?			
Comentários e sugestões:		Legenda: E – Excelente S – Suficiente I – Insuficiente		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 3 – Roteiro de entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA	NOTA DE 0 A 5
1. Apresente-se, por favor.	
2. Fale um pouco sobre você.	
3. Quais os seus defeitos?	
4. Dê 3 exemplos de qualidades suas.	
5. Por que está interessado em ser o aluno destaque da turma?	
6. Por que você deve ser o escolhido para a vaga de aluno destaque da turma?	
7. O que o diferencia dos outros candidatos?	
8. Como você se sente sob pressão?	
9. Como você reage às críticas?	
10. Onde se vê daqui há 5 anos?	
11. Qual foi a sua maior conquista na vida?	
12. Não acha que tem poucas qualificações para esta vaga?	
13. Qual é o emprego dos seus sonhos?	
14. Que animal gostaria de ser?	
15. Qual foi o último livro que leu?	
16. Você prefere estudar sozinho ou em equipe?	
17. Como você costuma lidar com situações difíceis na sala de aula?	
18. O que acha que seus amigos de turma pensam sobre você?	
19. O que é que te motiva a estudar?	
20. Até hoje, qual foi seu maior desapontamento com a turma?	

Encerramento (fechamento e despedida)

TOTAL

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Foi convidada uma estagiária do 1º ano de Serviço Social da Fatec de Ivaiporã para ser a entrevistadora, pois entrevistar está no currículo do curso, sendo, por isso, item de estudo obrigatório para assistentes sociais formadas na instituição. Dessa forma, conseguiu-se evitar que o relacionamento professora-alunos pudesse interferir na escolha do vencedor do concurso.

A atuação da entrevistadora consistiu em receber os candidatos, entrevistá-los e atribuir-lhes notas de 0 a 5 para cada resposta. Ao final, somando a pontuação de todos os candidatos, soubemos que o aluno selecionado seria aquele que apresentasse maior nota, numa escala de 0 a 100. A sugestão da atividade consta no produto educacional, e para outro professor implementá-la basta fazer as adaptações necessárias para sua demanda.

O primeiro bloco de questões trata de fazer o primeiro contato, “quebrar o gelo”, instigar o candidato a dizer um pouco de sua vida, sua rotina, de apresentar suas qualidades, de causar impacto, ajudado pela primeira impressão causada pela sua imagem pessoal. O segundo bloco, procura saber como o candidato reage diante de algumas situações comuns do cotidiano e faz uma ponte com o futuro profissional e pessoal do aluno, buscando estabelecer uma visão positiva/otimista de um ser atuante, que conquistou ou busca conquistar seu espaço na sociedade. O terceiro bloco de perguntas indaga sobre o comportamento individual frente ao coletivo e os posicionamentos adotados e as atitudes de aceitação ou rejeição em situações conflitantes. No formulário, é possível anotar observações comentários de comportamentos/falas/gestos que causaram alguma surpresa/positiva ou não, que merece registro. Conseqüentemente, tem sua parcela na análise e pontuação final, podendo, até mesmo, atuar como critério de desempate.

Ao finalizar todas as entrevistas, as notas de cada ficha foram somadas e, assim, chegou-se a um resultado. O aluno selecionado foi aquele que obteve maior pontuação e desempenho nas atividades e na entrevista, recebeu como premiação o certificado do “Aluno Destaque de 2018” (Figura 3) e um lanche da cantina.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 3 – Aluno Destaque da Turma 2018

A grade de avaliação (Quadro 4) foi adaptada de uma criação de Zani (2017) para o gênero “comunicação oral”, visto que muitos indicadores são comuns aos gêneros orais, por se tratar do uso da oralidade. Os critérios selecionados abordam elementos específicos do trabalho com gêneros elencados na modelização didática desenvolvida especificamente para a ocasião, casando a Análise da Conversação com as atividades de linguagem de Bronckart e os gêneros textuais/discursivos. A grade apresenta os seguintes itens de avaliação:

- a) Contexto de produção: avalia as características contextuais da entrevista, o momento exato em que o aluno assume a postura de candidato e age como tal;
- b) Planificação: avalia as principais características discursivas da entrevista registradas no modelo didático;
- c) Textualização: avalia as características linguístico-discursivas apresentadas pelo candidato no momento da entrevista, também fazem parte do modelo didático;
- d) Meios paralinguísticos: características linguístico-discursivas, exclusivos para gêneros orais;
- e) Imagem pessoal: relacionados à esfera do trabalho.

Quadro 4 – Grade de avaliação do gênero Entrevista de Seleção

Nome: _____ Produção: Inicial Final Data: ___/___/2018

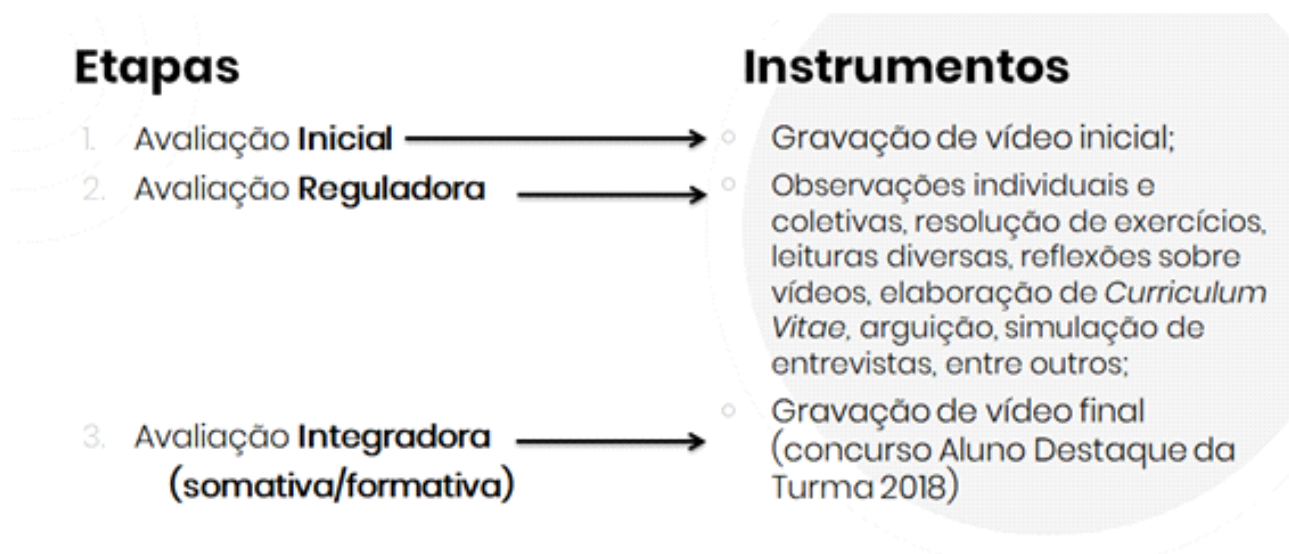
CRITÉRIOS	INDICADORES	Pontos Produção Inicial	Pontos Produção Final	Pontuação	AValiação
a) Contexto de Produção	1. Assume o papel de entrevistado/candidato			/2	/10
	2. Considera o entrevistador/interlocutor			/2	
	3. Atinge o objetivo da entrevista?			/4	
	4. Respeita o tempo determinado para responder às perguntas			/2	
b) Planificação	5. Abertura (saudação inicial)			/2	/10
	6. Introdução incitativa (captação da atenção) olho no olho			/2	
	7. Responde as perguntas com segurança			/2	
	8. Agradece a oportunidade, aproveita o momento para tirar dúvidas			/2	
	9. Encerramento (despedida)			/2	
c) Textualização	10. Uso de marcadores de estruturação do discurso			/2	/15
	11. Uso de operadores argumentativos			/3	
	12. Apresenta clareza e objetividade na fala			/3	
	13. Uso da linguagem formalizada			/3	
d) Meios Paralinguísticos	14. Boa qualidade da voz;			/2	/10
	15. Respiração controlada; Ritmo controlado (variações); Elucidez;			/2	
	16. Entonação expressiva;			/2	
	17. Gestos e mímica comedidos (corporais ou faciais);			/2	
e) Imagem pessoal	18. Postura;			/2	/5
	19. Imagem pessoal apropriada (roupa, cabelo, acessórios)			/2	
	20. Imagem profissional (ética, honestidade, adequação ao ambiente,)			/3	
				TOTAL	/100

Fonte: Adaptado de Zani (2017).

Por meio da comparação das notas registradas das produções (inicial e final), é possível quantificar o desempenho do candidato; e com a pontuação obtida por eles, saber se houve ou não algum progresso e, realizando um cálculo simples de média aritmética, obter uma pontuação final que espelhe a avaliação da sequência de atividades englobando

todas as etapas de seu processo formativo. A avaliação cumpre, então, seu papel formativo e contínuo, unindo o conhecimento trazido pelo aluno, seu desempenho parcial, com critérios elaborados a partir da sequência de atividades, integrando suas fases na grade avaliativa, na qual é possível quantificar e qualificar os objetos de estudo avaliados, isto é, tanto o desempenho individual e coletivo dos alunos, quanto o processo ensino/aprendizagem.

A figura a seguir traz a exibição das etapas e os instrumentos utilizados no decorrer da implementação do produto educacional de forma sucinta, o que permitiu a análise do desempenho coletivo e individual dos participantes:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Figura 4 – Etapas da avaliação formativa

Ao final, foi possível traçar um perfil de desempenho individual e também coletivo com o auxílio de planilhas eletrônicas, construir gráficos os quais ajudam no processo de interpretação (com parcimônia). Desse ponto em diante, cabe ao professor da turma fazer sua análise e elaborar seu plano de ação, caso não esteja satisfeito com o resultado. Avaliar um gênero oral é uma tarefa que exige cuidados e, sobretudo, critérios. Desde sua intenção até sua produção, objetivos dividem-se em diretos e subjetivos.

As atividades da sequência foram encerradas com a expedição de certificados de 20h pelo IFPR (figura a seguir), pela participação na implementação do produto educacional.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 – Alunos com seus certificados

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS SOBRE AVALIAÇÃO

A seguir, são apresentados os instrumentos avaliativos utilizados durante a implementação do produto educacional e quantificados os dados para melhor interpretação.

O quadro que segue mostra o resultado da autoavaliação pelos alunos, num total de 13 avaliados, dos quais 57,26% das repostas indicam que a aprendizagem foi excelente, 40,17% foi suficiente e apenas 2,57% foi insuficiente. Por meio de seus dados, é possível perceber que a Oficina 5 foi a mais destacada com 10 votos excelentes (76,92% dos participantes) e 3 votos suficientes (23,08% dos participantes).

Os resultados da autoavaliação foram positivos nessa fase final de implementação, os itens avaliados situaram os alunos frente a situações de aprendizagem como membros integrantes e responsáveis no processo, os quais tiveram a experiência real de uso da linguagem para comunicação com sentido.

Visualizando os números do quadro 5, observa-se que a Oficina 4 foi a que apresentou um menor desempenho de aprendizagem, segundo informaram os participantes no Quadro 5, com 10 votos suficientes (76,92% dos participantes) e 3 votos insuficientes (23,08% dos participantes). Essa análise é muito proveitosa para dar início ao plano de ação e retomar conteúdos que não foram satisfatoriamente aprendidos.

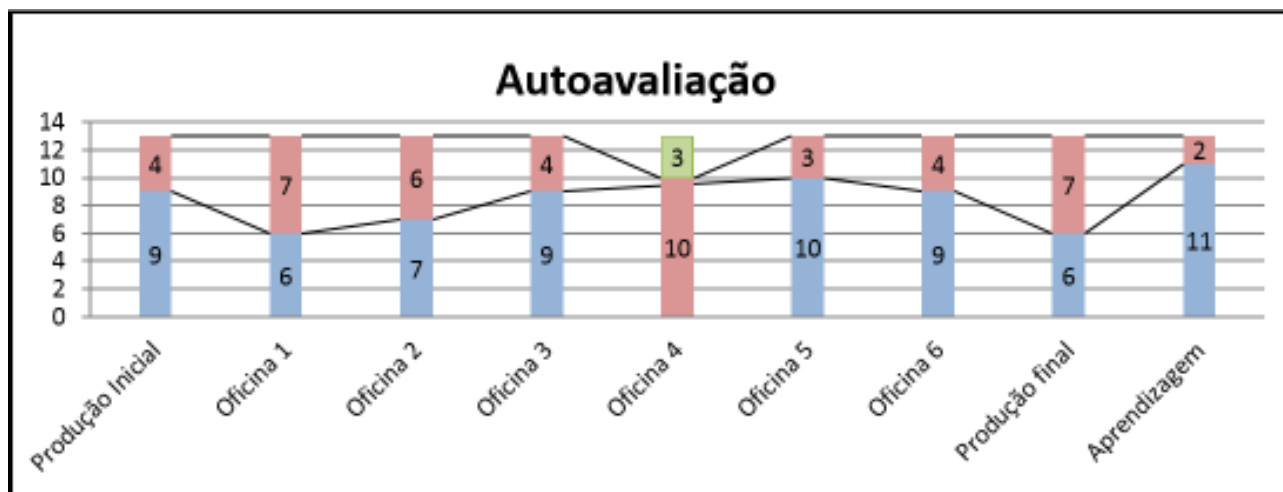
No Gráfico 1, fica evidente que apenas a Oficina 4 teve baixo desempenho na aprendizagem na concepção dos alunos. O voto aplicado à coluna de insuficiência não demonstra que a oficina teria sido um fracasso ou que não houve qualquer apreensão, pois 76,92% dos participantes garantem que tiveram um aprendizado suficiente. Refletindo sobre os 23,08%, pode-se atribuir seu destaque a inúmeros problemas encontrados em alunos reais de qualquer sala de aula, como, por exemplo, a ausência no dia da oficina, diversas dificuldades de aprendizagem, desatenção, desinteresse ou mesmo problemas pessoais.

Quadro 5 – Resultados da autoavaliação

AUTOAVALIAÇÃO	E	S	I	Total
Produção Inicial	9	4		13
Oficina 1	6	7		13
Oficina 2	7	6		13
Oficina 3	9	4		13
Oficina 4		10	3	13
Oficina 5	10	3		13
Oficina 6	9	4		13
Produção final	6	7		13
Aprendizagem	11	2		13
Total	67	47	3	117
%	57,26%	40,17%	2,57%	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Legenda: E (excelente); S (Suficiente); I (Insuficiente).



Legenda: ■ Excelente ■ Suficiente ■ Insuficiente

Fonte: Elaborado as autoras.

Gráfico 1 – Resultados da Autoavaliação

Ao analisar a questão “Você considera que aprendeu algo importante em relação ao conhecimento inicial sobre entrevistas de seleção/emprego/trabalho?”, 11 participantes votam em excelente (84,62%) e 2 votaram em suficiente (15,38%).

Fazendo um breve contraponto com os objetos avaliados, pode-se afirmar que 97,43% da turma consideraram sua aprendizagem excelente ou suficiente, o que se pode presumir que os objetivos propostos pelo produto educacional para o processo de ensino/aprendizagem foram atingidos. Conforme mostra o Gráfico 1, a maioria dos alunos diz ter aprendido o conteúdo de forma excelente.

Para o “Concurso aluno destaque da turma 2018”, todos os estudantes da turma foram entrevistados em um espaço reservado para estudos dentro da biblioteca da instituição em que estudam. Na sala, estavam presentes a entrevistadora, a professora e o entrevistado, que se dirigia ao local para manter a privacidade e sua individualidade.

Como mostra o Quadro 6, depois de respondidas as perguntas, foram somadas as notas dadas pela entrevistadora, de 0 a 5, para cada questão respondida, totalizando 100 pontos. A maioria dos participantes teve notas acima dos 60, especificamente 12 deles, apenas 1 apresentou média inferior e atribuiu o resultado ruim ao nervosismo (Aluno 9).

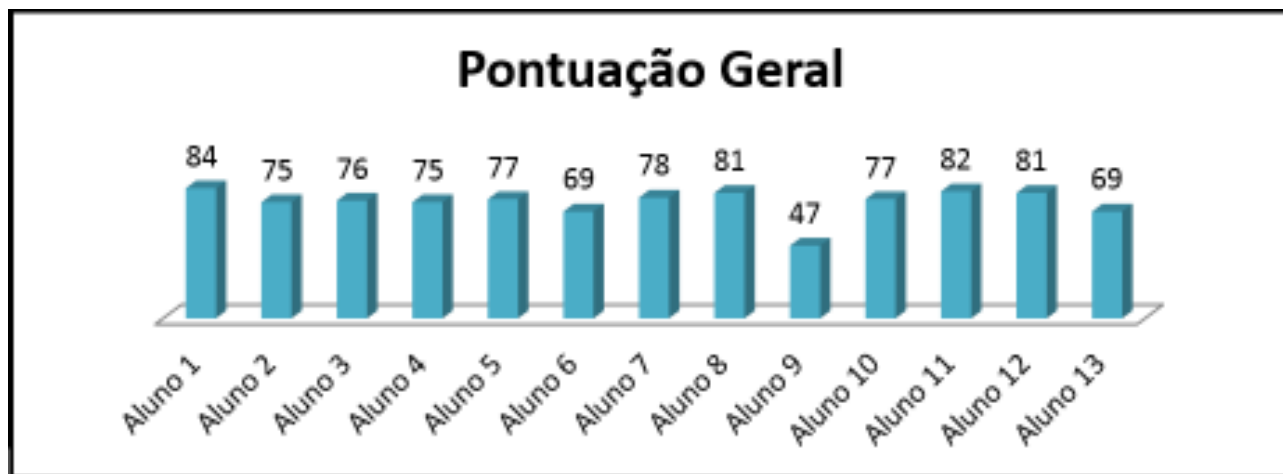
Quadro 6 – Resultados do Concurso “Aluno Destaque da Turma – 2018”

Pontuação para o Concurso	
Alunos	Pontuação Geral
Aluno 1	84
Aluno 2	75
Aluno 3	76
Aluno 4	75
Aluno 5	77
Aluno 6	69
Aluno 7	78
Aluno 8	81
Aluno 9	47
Aluno 10	77
Aluno 11	82
Aluno 12	81
Aluno 13	69

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Foi possível notar que todos os alunos ficaram intimidados frente à entrevistadora e à câmera, demonstrando preocupação em fazer uma boa entrevista. No geral, apresentaram boa postura, vestimenta adequada, cuidados com a aparência, tom de voz adequado, rapidez ao responder às perguntas, linguagem apropriada, respeito à passagem dos turnos, escuta atenta e gestos comedidos com a mão.

Conhecendo o histórico escolar dos participantes, pode-se pontuar uma característica aplicada a alunos faltosos, a indisposição de se envolver em certas atividades por desconhecimento do conteúdo aplicado em aula anterior. O baixo desempenho do Aluno 9 pode ser confirmado pelo Gráfico 2, em que os outros 12 estudantes tiveram médias acima dos 60 pontos e não têm histórico de faltas sucessivas.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 2 – Resultados do Concurso “Aluno destaque da turma – 2018”

O candidato com maior pontuação (Aluno 1) foi o vencedor do concurso com 84 pontos conforme consta no Gráfico 2. Foram observadas algumas características em seu comportamento: voz firme, sinceridade ao admitir que participa da bagunça da sala, humildade ao dizer que gosta de ajudar os companheiros de turma, senso de colaboração. O estudante apontou como qualidades suas: pontualidade, honestidade e alegria; ele demonstrou senso de responsabilidade ao impor-se como vice-presidente da turma, boa memória ao recordar que o último livro que leu foi *A árvore que dava dinheiro*, em 2014, e usou argumentação para explicar sua escolha pelo cachorro como animal que gostaria de ser devido à sua fidelidade.

Tal análise atesta ao professor que o processo em um todo foi muito satisfatório e que é possível, sim, recuperar esse aluno com instrumentos alternativos pensados a partir da elaboração de um plano de ação com efetiva adaptação dos conteúdos, dialogando com os objetivos traçados para a oficina.

A pontuação exibida no Gráfico 2 confirma o progresso individual durante a realização das oficinas. Os alunos foram provocados a conhecer sua situação social, sua relação consigo mesmos e a relação com os demais. Tiveram orientação para estabelecer metas acessíveis de emprego, para compreender melhor como impactam os sucessos e as frustrações que a busca pelo “emprego ideal” lhe proporciona. Zabala (1998) complementa dizendo que “o recurso da provocação mediante comparação só é útil quando as metas estão a seu alcance, além de ser uma solução parcial que origina outros problemas”.

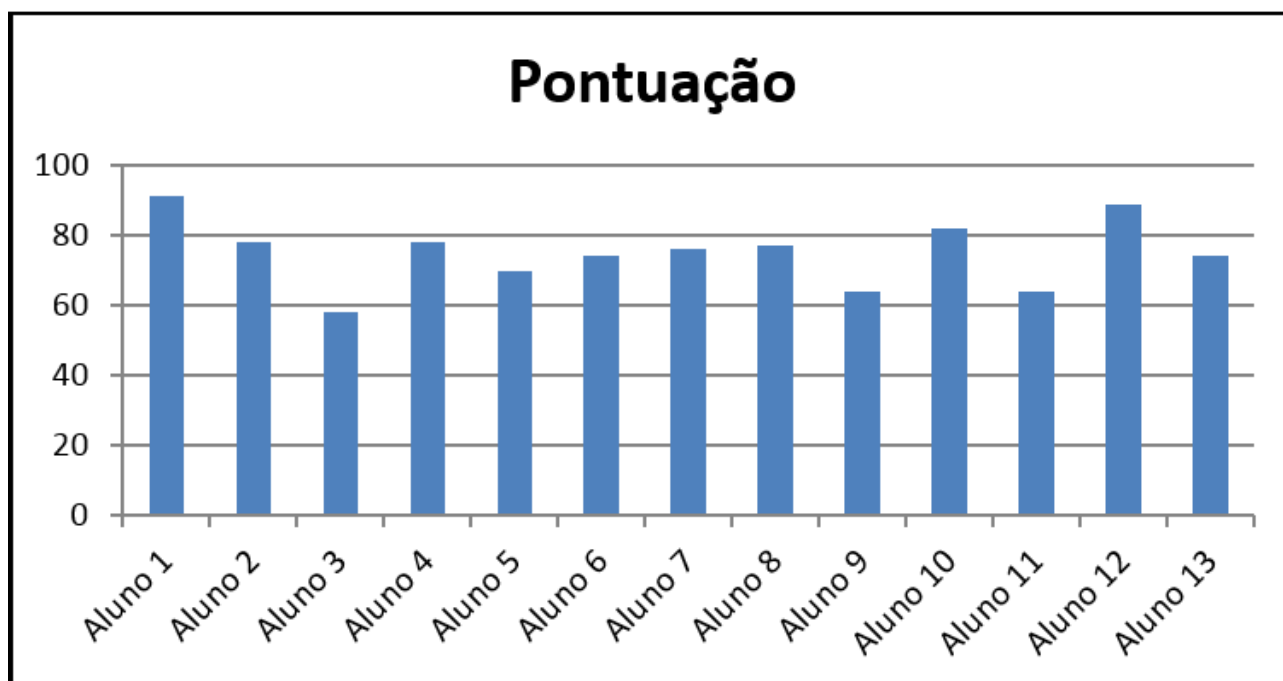
O quadro de avaliação somativa para comparação foi inspirado em Zani (2017) que, pensando em uma forma para avaliar gêneros orais, especificamente a comunicação oral, elaborou-o como parte de sua tese de doutorado. Adaptações foram feitas, a fim de ajustar ao gênero analisado. Portanto, para preenchê-la, é preciso analisar as produções da sequência de atividades, inicial e final e estabelecer uma pontuação para cada uma, segundo os valores apresentados como parâmetros. Cada produção totaliza 50 pontos, concluindo a parte somativa da avaliação formativa, pois a soma da pontuação das duas produções chega a 100 pontos, como pode ser constatado no quadro a seguir.

Quadro 7 – Grade comparativa das avaliações inicial e final

Grade de Avaliação	Pontuação Inicial	Pontuação final	Pontuação
Aluno 1	45	46	91
Aluno 2	39	39	78
Aluno 3	29	29	58
Aluno 4	45	33	78
Aluno 5	35	35	70
Aluno 6	39	35	74
Aluno 7	38	38	76
Aluno 8	35	42	77
Aluno 9	29	35	64
Aluno 10	41	41	82
Aluno 11	32	32	64
Aluno 12	44	45	89
Aluno 13	40	34	74

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Coincidentemente, o aluno ganhador do concurso foi também o que obteve a maior pontuação em suas produções, confirmando seu desempenho relacionado à sua aprendizagem. O Gráfico 3 exibe a pontuação total da soma das notas comparativas entre as produções inicial e final.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Gráfico 3 – Pontuação final comparativa das avaliações inicial e final

Há um esclarecimento a fazer quanto à primeira produção. A atividade foi proposta para que as entrevistas fossem individuais, mas que o trabalho fosse desenvolvido em grupos, pois seria necessário um entrevistador, um entrevistado, uma câmera e um editor. Um dos grupos não executou a proposta e enviou apenas um vídeo para avaliação, portanto, os alunos desse grupo tiveram a nota repetida da segunda produção, são eles: Alunos 3, 5 e 10.

Para finalizar, é preciso ressaltar que todos os participantes, 100% deles, motivam seus estudos com foco em um futuro melhor, ou seja, em suas palavras, ter uma melhor condição de vida, ter um bom emprego, ser alguém na vida. Isso reflete a insatisfação com a condição atual e a busca de crescimento por meio da educação.

É necessário esclarecer que não foi possível aplicar as orientações de entrevistas de seleção usando recursos da internet, porém o material está disponível no produto educacional como Oficina 6 “Orientações para uma boa entrevista via internet”. Seu suprimento não causou impactos no resultado final da implementação. Nele há informações relevantes sobre como proceder em uma entrevista de seleção pela internet, usando recursos de videochamadas, com fundamentos na E4 do corpus utilizado na modelização teórica do gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As impressões sobre o produto educacional são positivas. Desde o princípio da construção do modelo do gênero e da sequência de atividades, pôde-se notar a conexão

entre teoria e prática, o que levou os alunos ao envolvimento e à dedicação em cada etapa da implementação.

O gênero textual/discursivo oral entrevista de seleção mostrou ser um conteúdo temático interessante e de fácil adaptação. A partir da primeira produção, observou-se que todos os alunos puderam ampliar seus conhecimentos sobre entrevista, pois, a princípio, os vídeos apresentaram um teor mais descontraído baseado numa abstração sobre o gênero.

Os vídeos da produção final permitiram aos alunos ter sua primeira experiência em uma situação análoga ao gênero entrevista de seleção, partiram do estudo das características de ação, linguísticas e linguístico-discursivas do gênero, para assumir seu papel numa performance real.

A análise dos vídeos e a autoavaliação permitiram que esse laboratório ressignificasse seus comportamentos linguístico-sociais e a forma como se deu todo o processo de ensino/aprendizagem. Durante as oficinas, foram aplicadas atividades que exigiram deles, saberes anteriormente apreendidos e que permitiram evoluir em conteúdo.

O processo de avaliação e análise veio ao encontro das palavras de Zabala (1998, p. 201), “o aperfeiçoamento da prática educativa é o objetivo básico de todo educador”. Dado que a evolução do desenvolvimento do produto educacional mostrou-se válido e atrativo, as atividades ganharam sentido quando praticadas e com as reflexões propostas.

A experiência com a oralidade demonstrou ter ganhado credibilidade a cada oficina finalizada, verificando-se o impacto nas vidas dos participantes, visto que estão em um curso médio profissionalizante e pretendem ingressar no mercado de trabalho, uma vez que puderam desenvolver habilidades comunicativas fundamentais para incorporar em sua formação profissional.

A avaliação final proporcionou ao professor tornar mais visíveis as falhas do processo, repensar a sequência de atividades, além de observar o avanço individual dos alunos na aprendizagem; aos estudantes, tornou mais visíveis suas potencialidades e dificuldades com relação à sua linguagem verbal, não verbal e suprasegmental.

Mas ao longo do ensino nossa obrigação profissional consiste em incentivar, animar e potencializar a autoestima, estimular a aprender cada dia mais. E isto não significa que devamos esconder o que cada menino ou menina consiga conhecer profundamente suas possibilidades e suas limitações (ZABALA, 1998, p. 213).

Ao longo da construção do produto educacional, foi possível o repensar sobre a prática docente. Percebeu-se que os alunos são pessoas reais, que vivem em mundos reais e têm seus problemas reais, e como os professores reais podem colaborar para a aprendizagem discente? Encontrou-se nos gêneros textuais/discursivos um meio de alavancar o interesse pela linguagem. A interação linguístico-discursiva torna-se mais consistente ao abordar a língua portuguesa por esse viés.

Essa abordagem defende-se aqui ao finalizar a análise da implementação do produto educacional, que se mostrou eficaz na apreensão do conteúdo e também na formação pessoal

do aluno. Estimular o uso da linguagem formal foi um dos objetivos propostos pela sequência de atividades e observou-se que, ao oportunizar momentos em que os alunos fossem capazes de adaptar sua linguagem a um evento social, cresce neles o gosto pela aprendizagem e se fortalece a autoestima. Diante desse fato, é preciso que cada um conheça suas habilidades e suas limitações. Por último, pode-se afirmar que é possível desenvolver a oralidade por meio de gêneros textuais/discursivos no Ensino Médio de modo integrado às práticas sociais.

Essa ideia partiu de uma demanda local, tornou-se uma reflexão, depois vieram as leituras, o estudo e a pesquisa; desse conjunto deu origem ao produto educacional. E sua implementação culmina no aperfeiçoamento da prática docente dos professores envolvidos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 2. reimp. São Paulo: Editora 34, 2019.

CANAL DESCONFINADOS. *Entrevista de emprego*. Direção de Jonathan Nemer e Thiago Baldo. 13 mar. 2017. 5m13s. Disponível em: <http://bit.ly/2KuvON6>. Acesso em: 15 mar. 2017.

CE VIVENDO E APRENDENDO. *Empregabilidade*. 27 mar. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2x9Tgqw>. Acesso em: 07 nov. 2018.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GREGO, S. M. D. Reformas educacionais e avaliação: Mecanismos de regulação na escola. *Revista Estudos em Avaliação Educacional*, Araraquara, v. 23, n. 53, p. 91-109, 2012.

JUSTUS, R. *Entrevista de estágio – debate se imagem é tudo.wmv*. 06 maio 2012. 12m48s. Disponível em: <http://bit.ly/2Xoi7pa>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LUQUE, M. *Jackson Faive (Marco Luque) - Mais ou Menos*. 23 mar. 2016. 3m50s. Disponível em: <http://bit.ly/2WU8wlz>. Acesso em: 30 jul. 2018.

PARAFERNALHA. *Entrevista de emprego*. Produção de Alessandra Poncio. 11 nov. 2015. 3m28s. Disponível em: <http://bit.ly/2xbXQ7n>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TAVARES, M. *Não seja burro – Especial – Jackson Faive* (Marco Luque). 22 jul. 2017. 6m15s. Disponível em: <http://bit.ly/2Xrpk7L>. Acesso em 30 jul. 2018.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. São Paulo: Artmed, 1998.

ZANI, J. B. *A comunicação oral em eventos científicos: uma proposta de modelização para a elaboração de sequências didáticas*. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2017.